**Homem algum é uma ilha**

**– Prólogo –[[1]](#footnote-1)**

Por mais decadentes que pareçam o homem e o mundo e por mais terrível que se torne o desespero humano, enquanto o homem continuar a ser homem, é a sua própria humanidade que continuará a dizer-lhe: a vida tem um sentido.

Thomas Merton inicia o Prólogo de seu livro “Homem algum é uma ilha” destacando o fato de a vida valer a pena ser realmente vivida, premissa alcançada pelo esforço necessário de se identificar o seu verdadeiro sentido. A nossa vida, necessariamente, tem de ter um sentido, o qual precisa ser identificado e o mesmo precisa ser o norte de nosso cotidiano.

Lembra-nos o autor a difícil tarefa do crescimento no processo de vida, bem como de sua maturidade pessoal, e como resultado é possível chegarmos à consciência do que vem a ser o sentido da vida. Segundo ele, tal dificuldade sustenta-se na necessária busca permanente individual da própria salvação, à custa de muito trabalho, pois, apesar da possibilidade do apoio coletivo, cada um é o verdadeiro e único responsável por viver a sua própria vida e encontrar-se a si mesmo. Ocorre que, apesar de essa pessoal responsabilidade, há uma instintiva tendência de buscar no outro, possíveis exemplos a serem estudados e até mesmo seguidos, o que se reveste de aspectos positivos e negativos para a concretude de tal intento. Precisamos nos atentar e fugir da angústia, como sinal de insegurança espiritual, que tão facilmente toma conta de nós, juntamente com a preguiça e o desespero, libertando-nos de bonitas respostas e de fáceis caminhos a serem seguidos.

Descortina, então, Merton, como sustentação às reflexões apresentadas por ele nesse livro, suas bases tradicionais, modernas e pessoais, sem que, no entanto, venha a se separar da tradição católica, apesar de aceitá-la de forma inteligível e apropriada, jamais de forma cega. Assim sendo, o autor aponta a concretização cotidiana da fé, com sua vivência antes mesmo de ser discutida, como a primeira responsabilidade de um homem de fé. Destaca, ainda, a importância e a necessidade das reflexões apresentadas por ele no livro em tela, mesmo não pretendendo responder de forma definitiva ou aprofundada questões relacionadas ao que lhe parece ser o sentido da vida. Para tanto, apresenta um fio condutor que é a busca de todo ser humano da própria salvação e a dos seus mais próximos. Aborda, também, como aspecto importante, a “*plenitude dos divinos poderes no amor de Deus e dos outros*”, associado à importância de cada um encontrar-se nos outros e através deles, além de fazê-lo em si mesmo e, para tanto, menciona as mensagens evangélicas: “*Se alguém quer salvar a sua vida, deve perdê-la*”, e “*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*”.

Merton esclarece o que ele chama de “salvação”, não estando relacionada a questões subjetivas ou psicológicas, mas sim com o próprio encontro com Cristo, de forma objetiva, mística e sobrenatural. Tal encontro não pode ser decorrente de uma evasão, ou de uma fuga para fora de si, mas sim de um corajoso enfrentamento do verdadeiro eu, com todas as limitações presentes e sua aceitação. Diante disso, o autor alega que “*a solução religiosa não é religiosa se não é plenamente real*”.

Juntamente com a corajosa aceitação das reais limitações, Merton lembra-nos os paradoxos que envolvem a tão almejada salvação tais como: a morte para se conquistar a vida; o ganho de tudo em decorrência da plena renúncia; o nosso encontro nos outros e não dentro de nós mesmos; amar-nos por intermédio do amor ao próximo, o que se associa à necessidade de nos amarmos a nós mesmos para sermos capazes de amar os outros; somente podemos procurar Deus se já O tivermos encontrado; somente iremos ao encontro de Deus mediante a graça que nos mobiliza, mas se esperarmos a graça para nos movermos jamais partiremos ao seu encontro. Evidencia-se, então, a necessidade de uma resposta sobrenatural para que compreendamos o verdadeiro significado da salvação diante de todos esses aparentes paradoxos. Quando nos fixamos nos extremos de tais contradições, quando buscamos respostas materiais ou humanas para tanto, evidenciam-se riscos ou limitadas como respostas. Merton exemplifica-nos com o que chama de ascetismo natural, cujas soluções humanas simplórias carreiam respostas limitadas e insuficientes, pois quando falamos sobre o amor de si e o amor do outro podemos entrar em restritas e incompletas soluções que apontam para o limitado e egoísta amor a nós mesmos, ou ao exclusivo amor ao outro, destruindo-nos, ou ainda a utilização do amor ao outro como o meio mais eficaz de nos amarmos. Nenhuma delas nos apresenta uma plena e real solução, pois o autor nos reporta à necessária, completa e verdadeira resposta sobrenatural decorrente da boa nova de Jesus: “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo*”.

Indicando outro ponto basal de sua escrita nos capítulos seguintes, Merton destaca o fundamento que traz a divisão do homem contra si e contra Deus em decorrência do próprio egoísmo em relação a seu irmão, até porque, lembra-nos o autor, não existirmos somente para nós mesmos, pois a vida deve ser vista como uma grande dádiva por conta do que ela nos habilita a dar aos outros e não pelo que ela nos dá. Assim sendo, é fundamental que compreendamos a importância de vivermos para os outros e não com o olhar exclusivo para nós mesmos.

Para finalizarmos esta resenha, cremos ser importante trazermos a seguinte fala do autor, com suas próprias palavras, que nos possibilita antever os capítulos que se seguem:

Cada homem é um pouco de mim mesmo, porque faço parte da humanidade. Cada cristão é uma parte do meu próprio corpo, porque somos membros de Cristo.

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Prólogo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)